

Carta de rebaixamento está na mesa

Nova Iorque — A carta da comissão de reclassificação de créditos do Governo dos Estados Unidos já está pronta e na mesa do secretário do Tesouro Americano, James Baker, há mais de dois meses, segundo um banqueiro americano de Nova Iorque, que participa das negociações.

“Do lado americano, não há a necessidade de mais uma reunião da comissão de reclassificação de créditos em Washington. A carta já está aprovada pela comissão e manda os bancos aumentarem de 10 a 15%, dependendo do banco credor, as suas reservas contra os empréstimos brasileiros. A carta foi bloqueada pelo secretário do Tesouro, James Baker, e pelo presidente do Federal Reserve (Banco Central Americano), Alan Greenspan, por causa do acordo provi-

sório. Agora, o que resta a fazer caso o Brasil continue se negando a pagar os juros, é apenas implementar as condições desta carta que está na mesa do escritório de Baker”, disse um dos credores a Agência Globo em Nova Iorque.

Pressão

Esta carta é a última forma de pressão dos bancos credores internacionais junto ao Governo brasileiro durante as reuniões atualmente em curso em Nova Iorque. Os banqueiros estão tentando de todas as formas que o Brasil continue pagando os juros normalmente de uma forma a terminar definitivamente com a moratória da dívida de médio e longo prazos. A carta foi elaborada durante reunião da comissão de reclassificação de créditos, mais conhecida pela sigla em inglês ICERC, no final de ou-

tubro, que considerou o Brasil como mau pagador devido a moratória do ano passado.

Ela não foi implementada devido aos esforços do secretário do Tesouro americano, James Baker, e do presidente do FED, Alan Greenspan, para um acordo entre Brasil e bancos credores, que resultou no acordo provisório de US\$ 4,5 bilhões, dos quais cerca de US\$ 1,5 bilhão foi desembolsado no início desta semana como pagamento do último trimestre de 87. Todavia, a carta continua válida e atual e acarretaria aumento das reservas dos bancos entre 10 e 15% e consequentemente uma grande queda nos lucros bancários para os próximos anos, além de representar o mais sério rebaixamento do crédito brasileiro na história.